

O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO DIGITAL

Ludmila Correia Pires

(Mestranda em Letras: Cultura, Educação e Linguagens – UESB)

Lucas Santos Campos

(Professor Doutor Titular de Linguística e Língua Portuguesa da UESB)

RESUMO

O ensino de língua foi, por muito tempo, influenciado pelo modelo da gramática tradicional, nessa concepção, a língua se restringia à norma padrão. Nesse sentido, o presente estudo discute sobre o ensino de leitura e escrita na perspectiva do letramento digital, destacando a necessidade de utilizar na prática pedagógica os gêneros digitais, possibilitando aos alunos sua inclusão social e digital, tornando-os sujeitos ativos em seu processo de aprendizagem. A metodologia baseia na pesquisa bibliográfica, partindo dos teóricos: Marcuschi, Soares e Xavier, entre outros. O estudo aponta que o ensino da língua deve associar ao contexto social, assim, as práticas não devem ser unicamente limitadas aos aspectos normativo-gramaticais da língua. Portanto, defende que o uso dos gêneros textuais/digitais possibilita o entendimento de que toda atividade da comunicação humana perpassa por uma prática de linguagem construída através de textos autênticos, presentes na vida social.

PALAVRAS CHAVE: ensino de leitura e escrita; letramento/letramento digital; gêneros textuais/digitais.

1 INTRODUÇÃO

Iniciativas governamentais têm proporcionado condições de acesso às novas tecnologias de informação e comunicação a algumas escolas da rede pública. Através desse expediente, as instituições de ensino têm recebido laboratórios de informática. Em função disso, faz-se necessário apontar os benefícios que a ferramenta (computador/internet) oferece ao processo de ensino-aprendizagem. Corroborar com essa ideia o fato de o atual contexto social exigir da escola novas formas pedagógicas. Assim, é importante aprofundar a discussão sobre o ensino de linguagem sob o viés da cultura digital, visto que os alunos estão imersos em uma sociedade de trocas comunicativas rápidas, proporcionadas pelos novos recursos tecnológicos.

As transformações advindas da revolução tecnológica refletem nos aspectos da vida cotidiana de uma sociedade, dessa forma, as instituições de ensino precisam se adequar às novas tecnologias de informação e comunicação, nesse sentido, o presente estudo discute sobre o ensino de leitura e escrita na perspectiva do letramento digital, destacando a necessidade de utilizar na prática pedagógica os gêneros digitais, possibilitando aos alunos

condições de acesso às novas tecnologias de comunicação e informação, garantindo sua inclusão social e digital e tornando-os sujeitos ativos em seu processo de aprendizagem.

A metodologia utilizada para a realização deste estudo está calcada na pesquisa bibliográfica, sendo assim, a discussão teórica fundamenta em: Amaral (2008), Kleiman (1995), Lopes-Rossi (2006), Marcuschi (2004; 2010), Rojo (2009), Schneuwly e Dolz (2004), Soares (2008), Xavier (2006), autores que abordam sobre o ensino-aprendizagem de língua, o contexto da alfabetização, do letramento/letramento digital e sobre gêneros textuais/digitais.

O estudo aponta que a leitura e a escrita devem estar associadas ao contexto social. Trata-se de práticas que não podem ser unicamente limitadas aos aspectos normativo-gramaticais da língua. Assim sendo, defende que o uso dos gêneros textuais/digitais possibilita o entendimento de que toda atividade da comunicação humana perpassa por uma prática de linguagem construída através de textos autênticos, presentes na vida social.

2 ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO

O domínio da língua oral e escrita é fundamental para a participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende seu ponto de vista, partilha ou constrói visões de mundo e produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir aos alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício de sua cidadania na sociedade letrada e digital.

Diversas teorias procuram explicar o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita e como os sujeitos de fato compreendem e aprendem. De acordo com Amaral (2008, p.75 e 76):

No modelo tradicional, a concepção de alfabetização é entendida apenas como um processo que se desenvolve em nível individual desvinculada de seus usos sociais: um processo em que a linguagem escrita é considerada o espelho da linguagem oral, pelo qual o aluno deve aprender a representar fonemas em grafemas (escrever) e grafemas em fonemas (ler). Nessa perspectiva, a decifração e a dominação do código (processo mecânico) são entendidas como aspectos centrais do processo, acarretando como consequência a ênfase na preocupação com o erro ortográfico e a descontextualização da própria atividade de leitura e escrita.

Nota-se que o ensino da língua portuguesa estava voltado para o conhecimento do uso das regras gramaticais, privilegiando atividades de memorização mecânica, reduzindo o ensino de leitura e escrita em estudo de palavras e frases descontextualizadas. Além disso, o ensino se limitava aos métodos de instrução (analítico e sintético), centrando em atividades de cópia e repetição, pré-requisitos básicos para a prontidão ou preparação percepto-motora para a aprendizagem do “código” escrito.

O conceito de alfabetização é influenciado pelas mudanças culturais, sociais e econômicas, portanto, muda historicamente. Sabe-se que a alfabetização já foi sinônimo de conjunto de habilidades técnicas, em que o termo alfabetização em seu sentido próprio e específico não ultrapassava o significado de levar a aquisição do alfabeto. Diante dessa afirmativa, pode-se dizer que esse processo estava fundamentado em um modelo tradicional de educação.

Para conseguir que as escolas tenham uma alfabetização crítica, faz-se necessário ter um professor pesquisador e crítico-reflexivo, este precisa saber em qual teoria deve embasar o seu trabalho prático no contexto da sala de aula, possibilitando para os educandos o desmascaramento dos pressupostos ideológicos presente na sociedade.

Nesse sentido, o professor tem o importante papel de provocar a reflexão crítica de seus alunos a partir dos conflitos que caracterizam as situações do cotidiano. Torna-se imprescindível sua participação como problematizador, pois através dos seus conhecimentos, possibilitará aos educandos uma relação mais ampla com essa realidade. É a reflexão que levará o educando a superar as falsas concepções ideológicas, a perceber o caráter histórico e mutável das relações sociais, e, portanto, reconhecer-se como sujeito na construção de si mesmo e da realidade, bem como capaz de participar na transformação das relações que julgue necessárias. (NUCCI, 2001, p.81)

A partir disso, percebe-se que escola deve contribuir para formação de sujeitos capazes de atuar ativa e criticamente na sociedade letrada, assegurando, para tanto, uma proposta pedagógica que, sobre tudo, considere as necessidades de seus alunos. Nesse sentido, a instituição escolar desempenha um importante papel na construção de sujeitos leitores e escritores.

Nota-se que o objetivo da escola, hoje, é de formar leitor e produtor de textos habilitados à utilização das linguagens escrita e oral nos seus diversos gêneros, desde os impressos até os digitais. Considerando-se que os alunos estão inseridos em uma sociedade letrada, em que a língua escrita faz parte de maneira visível e marcante em suas atividades cotidianas, logo eles terão contato com textos escritos e formularão hipóteses sobre sua utilidade. Portanto, ao excluir essa vivência da sala de aula, poderá deixar de explorar a relação extra-escolar dos alunos com a escrita.

Essa combinação de leitura / escrita no favorecimento do conhecimento básico para o desenvolvimento psicossocial dos sujeitos, reconhecendo-os, inseridos numa rede de inter-relações, num meio sócio cultural específico capaz de elaborar num processo dinâmico, conceitos, representações e experiências socialmente compartilhadas, em que, a linguagem torna-se um elemento fundamental para a compreensão do processo de aprendizagem e interação.

A necessidade que tomamos como ponto de partida é que a escola ofereça aos alunos, desde os seus primeiros momentos, oportunidades de contato com práticas sociais, ou seja, revestidas de significado, nas quais se busca a interação com o outro. Assim, a noção de práticas de letramento como usos sociais da leitura e escrita é o pano de fundo para qualquer ação pedagógica no campo da linguagem.

2.1 LETRAMENTO

Na década de 80 do séc. XX surgiu a discussão entre especialistas do campo da Educação e da Linguística sobre o termo “letramento”. O surgimento dessa nova palavra trata-se da versão em português da palavra inglesa “literacy”, que vem do latim littera (letra) mais o sufixo “cy”, que designa qualidade, condição.

Nesse sentido, estudiosos como SOARES (2008, p.17) e KLEIMAN (1995) definem o termo letramento da seguinte forma:

É o estado ou a condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la.

Kleiman (1995) coloca que o letramento é “o conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos para objetivos específicos”.

Esse conceito de letramento é amplo e complexo, englobando não só um conjunto de comportamentos individuais, como habilidades técnicas de leitura e escrita, mas um conjunto de comportamentos sociais. Portanto, o letramento ao centrar em uma dimensão social, se torna diferente da concepção tradicional de alfabetização. Assim, os estudos sobre a alfabetização vêm demonstrando que se deve levar a criança ao mundo letrado, por meio do acesso a diferentes formas de leitura e de escrita, a partir do uso reflexivo da língua nas mais variadas situações de seu funcionamento, contribuindo para a ampliação dos saberes linguísticos das crianças.

A escola é o mais importante espaço social de letramento. Mas, nem sempre oferece as diversas formas de práticas sociais de leitura e escrita. Sua ênfase é na alfabetização como processo de aquisição de códigos (alfabéticos e números), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola (Kleiman, 1995).

A partir disso, é importante que a escola esteja sempre buscando oferecer as mais variadas formas de atividades, favorecendo os variados eventos de letramento, ao disponibilizar material de escrita que circula socialmente, proporcionando assim uma significativa influência sobre a aprendizagem da leitura e escrita dos alunos, pois motiva e desperta o prazer ao realizar atividade significativa.

Na nossa sociedade, a participação social está ligada diretamente pelo texto escrito, e os indivíduos ao fazer uso, não se restringem apenas as suas convenções linguísticas, mas, sobretudo, das práticas sociais em que os diversos gêneros circulam. Assim, em cada situação de interação utilizamos gêneros textuais diferentes e distintos modos de usá-los. Portanto, qualquer cidadão que faz uso da leitura e escrita no seu dia-a-dia estará cumprindo finalidades diversas e reais.

Cabe, então, a instituição escolar, no processo de alfabetização garantir a vivência de práticas reais de leitura e produção de textos diversificados, ampliando as experiências das crianças com conhecimento da leitura e escrita no contexto das práticas sociais.

As crianças têm contato diário com palavras escritas em diferentes suportes, como placas, rótulos de embalagens, por meio de aparelho audiovisual, escutam histórias lidas e ouvidas por outras pessoas, diante dessas experiências culturais e sociais com práticas de leitura e escrita, muitas vezes mediadas pela oralidade, às crianças vão se constituindo como sujeitos letrados. Porém, em alguns casos, o trabalho pedagógico no cotidiano da sala de aula dificulta, pois a convivência com as contradições sociais expressas pelos interesses dos alunos são bem diversas impossibilitando algumas situações de ensino aprendizagem.

Para que a escola tenha um ambiente alfabetizador na perspectiva do letramento, ela precisa necessariamente oferecer aos alunos em processo de alfabetização a **diversidade textual**. Isso mostra a necessidade de mudanças no que diz respeito à prática pedagógica do ensino de linguagens, visto que no atual contexto social, os alunos tem acesso às diversas situações em que a leitura e escrita estão presentes, como por exemplo, os meios digitais, portanto, no espaço escolar, o aluno precisa ter contato com essas novas ferramentas, o computador e a internet.

2.3 GÊNEROS TEXTUAIS E DIGITAIS

O letramento digital invade o contexto escolar, com isso a escola sente a necessidade de redesenhar suas propostas de ensino, alterando as práticas pedagógicas. Sabe-se que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente ligados à vida cultural e social,

contribuindo para estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia, e são utilizadas nas mais ações humanas (MARCUSCHI, 2004).

Nesse sentido, é importante destacar a contribuição Schneuwly e Dolz (2004), que faz um resumo sobre o conceito de gênero, o estudo está pautado na obra de Bakhtin, os autores acima citados mencionam que:

cada esfera de troca social elabora tipos relativamente estáveis de enunciados: os gêneros;
três elementos o caracterizam: conteúdo temático – estilo – construção composicional;
a escolha de um gênero se determina pela esfera, as necessidades da temática, o conjunto dos participantes e a vontade enunciativa ou intenção do locutor. (SCHNEUWLY, 2004, p. 24)

A partir da definição Schneuwly e Dolz (2004), acrescentam a idéia de que “o gênero é um instrumento”, pois em cada plano comunicacional ocorre a escolha de um gênero que será usado como “ferramenta” para uma ação discursiva.

Marcuschi (2005) aborda que, no decorrer de cada período histórico, surge novos gêneros textuais, dessa forma, à medida que a sociedade vai se evoluindo novos gêneros começam a ganhar sentido, hoje, o email é um gênero bastante utilizado em nosso meio social, que surgiu por meio da cultura eletrônica, substituindo as cartas e os bilhetes.

Nessa perspectiva, Xavier (2005) aponta que:

Estes são gêneros emergentes que poderiam ser bastante explorados na e pela escola. Os professores de língua portuguesa poderiam utilizar estes gêneros digitais para dinamizar suas aulas de produção textual. A mudança de ambiente, da sala de aula para o laboratório de informática, e a descoberta das características e potencialidades de desenvolvimento retórico-argumentativo poderiam tornar a aula de português mais empolgantes e atraente. A participação constante dos alunos tende a ampliar sua capacidade de argumentar sobre temas diversos, levando-os a aprender e a refletir dialeticamente sobre as diversas opiniões e construir sua própria síntese sobre as questões em discussão. (...) Desta forma, os gêneros digitais são megaferramenta para desenvolver nos aprendizes a necessária habilidade de construir pontos de vista e defendê-los convincentemente. (XAVIER, 2005, p.37/38)

A partir disso, percebe-se que os profissionais da educação precisam desenvolver atividades pedagógicas que contemple o uso dos gêneros digitais, diante dessa nova realidade, o presente estudo selecionou o gênero digital e-mail e blog, adequados à faixa etária dos alunos do 5º do ensino fundamental I, gêneros importantes, que contribuem para a percepção dos diferentes discursos e intenções pertencentes a cada gênero. O desenvolvimento pedagógico com gêneros colabora para os alunos expor e debater ideias, tornando os alunos,

sujeitos falantes ativos e competentes, aptos a compreender os discursos dos outros, facilitando a utilização e adequação da linguagem nos mais variados contextos sociais.

Dessa maneira, a escolha do gênero digital possibilita o desenvolvimento de atividades didáticas, estas devem ser trabalhadas com os alunos, destacando o importante papel que os gêneros exercem nas práticas sociais estabelecidas pela linguagem, sendo assim, os gêneros perpassam pelas diversas atividades da comunicação humana. Sendo que para cada atividade, os gêneros se apresentam características próprias. A seguir, são realizadas algumas sugestões pedagógicas para a utilização dos gêneros (e-mail e blog).

3 O USO DE GÊNEROS DIGITAIS: O FAZER PEDAGÓGICO NO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Os gêneros digitais podem ser utilizados como ferramentas educacionais para o processo de ensino e aprendizagem. No cotidiano dos alunos é comum que eles façam referências aos e-mails, blogs, entre outros gêneros, portanto, o uso desses gêneros digitais, em sala de aula, possibilitam aos alunos uma interação com as práticas sociais vivenciadas em seu contexto, colaborando para o desenvolvimento e a ampliação da competência discursiva dos alunos.

Sendo assim, destaca-se que o ensino de leitura e escrita devem atingir os anseios dos educandos, pois estes estão cada vez mais aprimorados, em função do dinâmico crescimento das fontes informativas advindas dos avanços tecnológicos proporcionadas pelo seu meio social. Para isso, o professor precisa analisar as dificuldades e possibilidades dos educandos, com vistas à elaboração de planejamento que considere a realidade vivenciada pelos educandos.

O direcionamento de atividades didáticas, a partir dos gêneros *e-mail* e *blog*, podem contribuir para:

OBJEIVOS:

- Reconhecer o e-mail e o blog como novos meios de comunicação, por meio do computador, ligado à Internet.
- Identificar a função social bem dos gêneros digitais, compreendendo sua estrutura e suas finalidades.

PROCEDIMENTOS:

- Conversa informal sobre o surgimento do novo meio de comunicação à longa distância – computador, interligado pela internet. Discussão sobre os gêneros digitais possibilidades pelo acesso a internet.

- Esclarecimento sobre a estrutura do email e do blog. Destacando que o email possui uma estrutura parecida com a da carta, apresentado os seguintes itens: (saudação e destinatário, assunto, despedida e assinatura), lembrar os alunos que, a depender do conteúdo/situação e do destinatário, varia o grau de formalidade.

- Disponibilização de computadores para os alunos, no sentido de orientá-los quanto à: acesso à Internet, criar e-mail individual, caso seja necessário, e exemplificar escrevendo um email. E, também, para o acesso a blogs diversos.

- **E-mail:**

- Leitura com modelos/destinatários diversos de e-mails, por exemplo, autoridade, amigo, professor, em cada um desses os alunos poderão observar as diferenças no emprego da linguagem.

- Produção escrita de e-mails pelos alunos, para diversos destinatários, nesse caso, os alunos perceberão diferenças na linguagem, no conteúdo e em sua finalidade.

- Reescrita de e-mails, caso seja necessário.

- **Blog:**

- Leitura de diversos temas, visto que o blog não se restringe apenas a um diário on-line, mas proporciona a divulgação de várias informações - política, economia, etc - blogs jornalísticos. A leitura desses textos permite aos alunos apresentar seu ponto de vista sobre os assuntos discutidos, possibilitando a ativação dos seus conhecimentos de mundo;

- Produção de textos e reescrita pelos alunos para publicação de textos e imagens produzidos;

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto fundamentou na discussão do ensino de leitura e escrita na perspectiva do letramento digital, diante do estudo proposto, percebe-se que a prática pedagógica, por muito tempo, valorizou a gramática tradicional (normativa e prescritiva). Nesse sentido, o ensino de língua portuguesa estava voltado para o conhecimento do uso de regras gramaticais, privilegiando exercícios de memorização mecânica, reduzindo às atividades de leitura e escrita no estudo de palavras e frases descontextualizadas, portanto, a prática pedagógica era bastante limitada.

Com a introdução de novos meios de comunicação, dinâmicos e em permanente transformação, nota-se que as escolas são desafiadas a mudar suas metodologias de ensino,

tendo que acompanhar o ritmo proposto pela modelo da contemporaneidade. Nesse sentido, faz-se necessário a utilização de novas ferramentas, no espaço da sala de aula, como a internet, que proporciona o surgimento de gêneros digitais (e-mail, blog etc), portanto, as atividades sistematizadas envolvendo esses gêneros digitais oportunizam os educandos atuar ativa e criticamente na sociedade letrada, pois contribui para a formação do sujeito leitor e produtor de textos nas mais diversas esferas de comunicação, onde circulam os mais variados gêneros.

5 REFERÊNCIAS

AMARAL, Cíntia Wolf do. **Alfabetizar para quê? Uma perspectiva crítica para o processo de alfabetização.** In: LEITE, Sérgio Antônio da Silva (Org.). *Alfabetização e Letramento: Contribuição para as práticas pedagógicas.* Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2008, p. 75 a 98.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) – Língua Portuguesa.** Brasília, 1997.

KLEIMAN, Ângela B. (org). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas, SP. Mercado das letras, 1995.

LOPES-ROSSI, M.A.G. **Procedimentos para estudo de gêneros discursivos da escrita.** Revista Intercâmbio, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-X, 2006.

MARCUSCHI, L A.; XAVIER, A. C. (Org.). **Hipertextos e Gêneros Digitais.** Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade.** In: DIONISIO, Angela Paiva (Org.). *Gêneros Textuais & Ensino.* Rio de Janeiro. Lucerna, 2010, p. 19-38.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** 1 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento.** Belo Horizonte. Autêntica, 2008.

XAVIER, Antônio C. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital.** In: _____ *Hipertexto e gêneros digitais.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.13-67.

<http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>